

Delírios amazônicos

JOÃO UBALDO RIBEIRO

As alegações, inferências e raciocínios que se seguirão são fruto de delírios que tenho sofrido. Não disponho de prova nenhuma de que possuem fundamento, mas, como me perseguem a ponto de, volta e meia, algum escapulir aqui mesmo, resolvi que talvez me abandonem, se lhes der vazão mais intensa. O delírio básico é o seguinte: dentro de algumas gerações, talvez até apenas uma ou duas, a Amazônia brasileira não será mais brasileira. Para minha cabeça com certeza ensandecida, já está tudo sendo preparado diante de nossas caras abastalhadas e cérebros lavados.

Não há ordem de importância no que menciono, vou falando conforme os delírios se manifestam. Como se sabe, os verdadeiros donos desta terra são os índios. Também os índios americanos são donos dos Estados Unidos, mas, em primeiro lugar, lá falam inglês, que é uma língua superior à nossa e constitui patrimônio inestimável, que nada poderia substituir. Em segundo lugar, os de lá foram praticamente exterminados em guerras leais e abertas, comandadas por gente do porte de John Wayne e Errol Flynn, sendo confinados nas piores terras que se podiam achar, como algumas áreas desertas do Arizona, aliás tomado democraticamente do México, assim como o Texas, a Califórnia e o Novo México etc. E quase todos já foram aculturados, pagam imposto de renda e desfrutam das benesses de serem cidadãos do país mais poderoso do mundo — não é pouca porqueira.

Os nossos índios, não. Apesar de ainda haver problemas de demarcação em relação a outros povos indígenas, a famosa nação ianomâmi, cuja identidade antropológica é posta

em dúvida por alguns traidores da Humanidade, como eu, ocupa terras superiores em extensão, fertilidade, riqueza vegetal, animal e mineral a diversos países da Europa juntos. Nada mais justo, pois, que, a esta altura do progresso humano, quando as guerras são coisa do passado, os preconceitos deixaram de existir e a autodeterminação dos povos é princípio basilar do direito internacional (v. curdos, por exemplo), os ianomâmis venham a ser convocados a um plebiscito em que dirão se querem continuar a pertencer ao território brasileiro, ou constituir seu próprio Estado independente. Caso esta última hipótese, como é mais do que provável, ocorra, os americanos, paladinos da liberdade em todo o universo, fornecerão apoio e ajuda desinteressados, assim como o farão em relação a qualquer outra nação indígena (dizer "tribo" não é mais politicamente correto) que queira autodeterminar-se. Precisaremos de pas-

saporte e visto para ingressar no que hoje é nosso.

Há também a questão da água. Ninguém leva isso a sério, mas o mundo começa a padecer agudamente de falta de água potável e, também como se sabe, somos incapazes de gerir nosso patrimônio hídrico. É um escândalo, um crime contra a Humanidade e somente a ação pronta dos países mais responsáveis, como os Estados Unidos, é que poderá salvar o mundo de um destino desidratado. Cada vez se fala mais no problema da água e, daqui a pouco, a situação se tornará insustentável, com a consequência de que, até por obrigação moral, se constituirá a International Commission for Water Resources, constituída por países de todo o mundo e presidida pelo mais qualificado, ou seja, os Estados Unidos, ou senão a Costa Rica, que tem o poderio necessário para fazer valer as decisões do colegiado. E o Brasil é o país que tem mais água no mundo.

O problema das drogas é talvez o mais premente. É fato conhecido que, se alguém produzir tática de barata enlatada, provavelmente enfrentará um fracasso comercial, já que o consumo dessa mercadoria não será dos mais promissores. Contudo, o consumo de cloridrato de cocaína conta com vasto mercado. Não se ignora que, desde que o mundo é mundo, se houver uma demanda, haverá quem se disponha a ter lucros satisfazendo essa demanda. Isso, entretanto, era antes de aparecerem os Estados Unidos. Na opinião desse nosso protetor, o caso da cocaína é uma exceção. Existe uma produção de cocaína e, como consequência, os americanos e europeus são obrigados a consumi-la, causando graves danos à saúde pública. Deduz-se, portanto, que é necessário fazer com que os camponeses produtores de coca ganhem dez ou cem vezes menos em outras colheitas que não a da coca, para não provocar esse feio e danoso vício. Pa-

Marcelo

ra isso, estuda-se uma operação de guerra na Amazônia, em que o uso de desfolhantes já vem sendo cogitado, como aconteceu no Vietnã. E, em mais uma prova de despreendimento, os americanos vão prejudicar sua indústria de éter e outros produtos necessários ao refino da cocaína, embora, é claro, como decorrência inevitável, a indústria bélica, a de desfolhantes e outras se vão beneficiar, mas nada é perfeito neste mundo. E, obviamente, será necessária a ocupação provisória dessas áreas pelos americanos (pelas Nações Unidas, talvez, embora os americanos sejam os maiores devedores da UN, mas qualquer um pode cometer uma distração dessas e, no dia em que eles se lembrarem, pagam), provisoriamente esta que, dada a ruindade inata da condição humana, especialmente a de latinos mestiços, poderá ser como a da CPMF e se tornar permanente.

Outra coisa é a História. Também como se sabe, sempre houve uma Coreia do Norte e uma do Sul, um Vietnã do Norte, outro do Sul, um Panamá e uma Colômbia, nada disso tendo a ver com os americanos. Quem garante que não há e sempre houve um Brasil do Norte e um Brasil do Sul, ou vários Brasis amazônicos? É bem possível que isto venha a ser demonstrado pelos fatos futuros e sejamos obrigados a curvar-nos ante a realidade, antes obnubilada pela nossa ignorância mesquinha. Enfim, está tudo aí, já praticamente prontinho. E, do mesmo buraco doentio da mente do qual tirei estas bobagens, é possível saírem muitas mais, está aí um bocado de gente morta que não me deixa mentir. Mas é tudo delírio. Nós, escritores e jornalistas, somos muito chegados a um deliriozinho; perdão, leitores.

JOÃO UBALDO RIBEIRO é escritor.

